

4

O profissional de legendagem: competências e mercado de trabalho

As peculiaridades da legendagem descritas no capítulo anterior sugerem que, além das competências necessárias a todo tradutor, como excelente domínio das línguas envolvidas na tradução e das ferramentas de pesquisa, conhecimento das técnicas e das diferentes estratégias tradutórias, e cultura geral, o aprendiz de legendador deve desenvolver certas habilidades e competências específicas.

Neste capítulo, examino essas habilidades e competências, tomando como base a minha experiência, que é complementada por entrevistas realizadas com professores e alunos de cursos de legendagem e o diretor de uma das três maiores produtoras de legendagem do Rio de Janeiro.

4.1

Habilidades valorizadas pelo mercado

Yves Gambier (2003), um dos autores mais respeitados da área da tradução audiovisual ao lado de Henrik Gottlieb e Jorge Díaz Cintas, cita na introdução a um volume especial da revista *The Translator*, organizado por ele e inteiramente dedicado à tradução audiovisual, as habilidades necessárias a um tradutor para legendas:

Legendadores devem [...] ser capazes de trabalhar pressionados por prazos muito curtos e lidar com o estresse; têm de desenvolver a competência especial de escrever para a mídia (ter noção de *timing* e ritmo); têm de ser competentes em análise, paráfrase, síntese e pós-edição (respeitando coerções temporais e espaciais) [...]; têm de se adaptar a novas tecnologias e, por fim, têm de ter uma grande capacidade de se auto-avaliar para tomar decisões rápidas e assumir a responsabilidade pela qualidade de seu trabalho²⁶. (p. 184)

²⁶ Screen translators have to [...] be able to work under intense time pressure and cope with stress; they have to develop special competence in writing for the media (sense of timing and rhythm); they have to be competent in analysis, rewriting, condensing, post-editing (within time and space constraints) [...]; they have to adapt to new technology and, finally, they have to have a strong capacity for self-evaluation in order to make fast decisions and to take responsibility for the quality of their output.

Além das características apontadas por Gambier, eu destacaria ainda que o legendador deve ter noções de linguagem cinematográfica, ser capaz de se expressar nos diferentes registros da língua de tradução, saber identificar e interpretar todos os canais envolvidos na comunicação polissemiótica, dominar as ferramentas de pesquisa específicas ao seu trabalho, desenvolver a atenção aos detalhes, ser capaz de adequar-se às normas e saber estabelecer prioridades. Para tratar dessas habilidades e competências, classifiquei-as em quatro categorias principais, listadas a seguir.

4.1.1

Competência lingüística

A maioria dos autores que tratam do ensino de legendagem defende que a ênfase principal do curso deve ser no aspecto lingüístico, uma vez que os aprendizes demonstram as maiores dificuldades nesse campo (Sponholz, 2003: 35). De fato, as demandas particulares da tradução para legendagem apresentam muitos desafios ao aprendiz no nível lingüístico, mas eu diria que a dimensão técnica do ofício também o faz, o que me leva a defender a criação de um curso que enfatize igualmente tanto a dimensão lingüística quanto a dimensão técnica da legendagem, que será abordada na Seção 4.1.2.

Uma das maiores dificuldades da tradução para legendas provém de sua natureza diagonal, que exige a mudança do código oral para o escrito. Em relação ao grau de formalidade que se deve adotar no texto das legendas — se uma linguagem-padrão, mais próxima da norma culta, ou uma linguagem que tente reproduzir características do discurso oral, como o uso de contrações, interjeições e marcas de oralidade, como por exemplo a mistura, na mesma fala, do pronome de tratamento “você” com o pronome pessoal oblíquo “te” —, de uma maneira geral os estudiosos concordam que o compromisso maior deve ser com o código escrito. Essa preferência se deve a vários fatores, o principal deles sendo o já mencionado estranhamento que a reprodução da linguagem oral causaria. Há ainda outros fortes argumentos em favor do uso da norma culta na legendagem. Segundo Ivarsson & Carroll (1998), “a linguagem [das legendas] deve ser (gramaticalmente) ‘correta’, uma vez que as legendas servem de modelo para o

letramento”²⁷, e algumas pesquisas mostram que programas legendados ajudam na alfabetização da população local e de estrangeiros residentes na cultura de chegada (cf. Carvalho, 2005). Além disso, os grandes clientes (Globosat, HBO e Fox são alguns exemplos) explicitam em manuais de padrões, às vezes de forma pormenorizada, suas exigências em relação às normas gramaticais. Vejamos dois exemplos retirados do manual de *Padrões da Globosat* (2007: 3-4, 13-4), desenvolvido pelo Departamento de Legendagem da programadora com a colaboração do professor Sérgio Nogueira Duarte:

- **linguagem informal**

aceitáveis:

- contração da preposição **de** com pronome pessoal reto, artigo ou pronome demonstrativo
exemplo: Chegou antes dele voltar.
- contração da preposição **em** com artigo indefinido: **num, numa**
- contração da preposição para: **pra**
- preposição omitida antes da conjunção integrante que
exemplos: certificar-se que; ter medo que; chegar à conclusão que
- pronome átono em início de frase
exemplo: Me faça um favor.
- verbo **precisar** sem a preposição **de**
exemplo: Ela tem o que precisa.
(artigo **o** como complemento do verbo **ter**)

- **pronomes**

- em programas informais, evitar construções com nome pessoal oblíquo átono (quando possível)
exemplo: Alguém os está chamando.
preferível: Alguém está chamando vocês.
exemplo: Esta cultura as está seduzindo.
preferível: Esta cultura está seduzindo as meninas.
- com pronome relativo **que** – não omitir a preposição antes
exemplo: na vez **em** que
- não misturar pronomes da 3ª pessoa com pronomes da 2ª (**você** e **te**), a não ser em contextos muito informais e específicos

Os exemplos acima mostram até que ponto a Globosat permite o uso da linguagem informal na tradução de seus programas. Nota-se que uma marca clara de oralidade, como a mistura de pronomes de tratamento, é permitida apenas em contextos específicos. Outra orientação presente no mesmo manual revela que uma linguagem mais rebuscada também deve ser evitada:

²⁷The language should be (grammatically) “correct” since subtitles serve as a model for literacy.

- **Linguagem**

- Em filmes e programas mais populares, evitar termos raros (ex: altercação, perpetrar, quiçá). Optar sempre pelas formas mais usuais.
- Em documentários como “Quebrando o Código Da Vinci”, do GNT, termos mais eruditos são aceitáveis. (ibidem, p. 24)

Como se vê, cabe ao legendador analisar o conteúdo do programa para então julgar se deve utilizar uma linguagem mais sofisticada ou mais popular, sem “abusar” das marcas de oralidade nem utilizar construções cuja formalidade excessiva possa causar rejeição por parte do público telespectador. Um exemplo disso é o emprego do futuro do presente e do pretérito mais-que-perfeito, formas verbais bastante utilizadas em legendagem pelo fato de ocuparem menos espaço do que as formas compostas (“trarei” é mais curto do que “vou trazer” e “trouxera” é mais curto do que “tinha trazido”, por exemplo).

Os exemplos apresentados nos levam a concluir que a norma lingüística mais amplamente adotada no mercado de legendagem brasileiro é o uso do discurso semiformal, ou seja, de um registro que incorpora algumas marcas de oralidade sem no entanto desrespeitar as regras do português padrão. Faz-se necessário, portanto, que o aprendiz de legendador desenvolva o domínio dos diferentes registros do português.

No Capítulo 3, vimos que as legendas são regidas por restrições espaciais e temporais. Em consequência disso, há casos em que até 50% do texto original tem de ser excluído da tradução, o que deixa claro que o poder de síntese é uma das competências mais importantes a serem desenvolvidas por um bom legendador. A habilidade de traduzir já de uma forma resumida também é necessária para que o tradutor ganhe agilidade, uma vez que os prazos do mercado de legendagem são sempre exíguos. Não é prática corrente, por exemplo, traduzir por completo um roteiro e só depois, com base no tempo disponível para cada legenda, resumir o texto. Essa habilidade de descartar as informações que não são essenciais ao entendimento *durante* a tradução pode ser trabalhada através de atividades que auxiliem o aprendiz a desenvolver poder de síntese, a discernir o que é mais importante e a identificar os diferentes ritmos de fala e estilos de programas.

Gambier (2003) aponta a necessidade de o legendador desenvolver a competência de escrever para a mídia. De fato, é crucial que o aprendiz seja

apresentado às técnicas de redação para telejornalismo, pois, assim como a legendagem, o texto telejornalístico é marcado pela instantaneidade, restringido por coerções temporais e deve ser claro, conciso e conter predominantemente orações em ordem direta e coordenadas. Por outro lado, como algumas estratégias adotadas na redação telejornalística são completamente diferentes daquelas utilizadas em legendagem, é necessário que o legendador conheça essas diferentes estratégias e saiba aplicá-las. Tratarei desse assunto de forma mais aprofundada no Capítulo 5.

4.1.2

Competência técnica

Conforme defendi na seção anterior, as competências técnica e lingüística devem ter o mesmo peso no esboço de curso de formação de legendadores proposto nesta dissertação. Tanto a minha experiência pessoal quanto os depoimentos dos professores de cursos de legendagem reunidos nas seções 4.2 e no Capítulo 5 confirmam que, sem um conhecimento profundo da dimensão técnica do ofício, a formação do tradutor para legendas fica incompleta, dificultando sua inserção no mercado.

Atualmente, um dos maiores problemas enfrentados pelas produtoras de legendagem é a dificuldade de convencer os legendadores a respeitarem o limite máximo de caracteres por segundo. Essa dificuldade se dá por vários motivos, sendo o principal deles a flexibilidade oferecida pelos programas de legendagem mais utilizados no Brasil. Explico: esses *softwares* ou são estrangeiros — Systimes/Subtitler é venezuelano; o Subtitle Workshop, uruguaio; o Cavena, sueco — ou baseados em sistemas estrangeiros — o Horse, brasileiro, foi desenvolvido com base nas configurações de limite de caracteres do Systimes 6.0. Como são utilizados por legendadores do mundo todo, o número máximo de caracteres permitidos por segundo é configurável, pois esse limite varia muito de cultura para cultura. No Brasil, hoje, trabalha-se principalmente com a configuração básica de 15 caracteres por segundo. Em sua dissertação de Mestrado, Souza (1999) fornece um breve panorama das discussões sobre o tempo

ideal para a leitura de legendas. Ele explica que Gonçalves²⁸ chegou ao valor de 10,67 caracteres por segundo tomando como base estudos europeus sobre velocidade de leitura. Em 1994, o dinamarquês Gottlieb falava em 10 caracteres por segundo (1994a: 111). Já em 1998, o mesmo Gottlieb incluiu no verbete “Subtitling” da enciclopédia da Routledge, organizada por Mona Baker, a informação de que “valores maiores do que 12 caracteres por segundo (cps) não são aceitáveis”²⁹ (1998: 247). Apesar disso, a configuração padrão do programa Subt-It, desenvolvido pelo tradutor venezuelano Carlos Contreras, é de 20 caracteres por segundo. Depois de apresentar o parâmetro “ideal” de 10,67 caracteres por segundo, o próprio Souza ressalva que “as TVs por assinatura brasileiras estão operando com padrões discrepantes e pouco rígidos e com legendas que exigem uma leitura bem mais rápida que a apresentada por esses parâmetros” (1999: 51), para logo em seguida comentar que, em um curso oferecido à época por uma produtora carioca, os professores trabalhavam com o parâmetro de 15 caracteres por segundo.

É bem provável, embora não se possa afirmar de forma indiscutível, que esse parâmetro tenha sido herdado da configuração do Systimes 4.0, o *software* adotado pela Globosat quando da criação de seu departamento de legendagem. Baseada em linguagem DOS, essa versão do programa era “engessada”, e só permitia que o legendador extrapolasse o número máximo de cerca de 14 caracteres por segundo caso o fizesse deliberadamente. O que acontecia era que o programa emitia um sinal sonoro quando o limite máximo de caracteres era extrapolado, advertindo o tradutor. Se este quisesse manter o erro, teria de dar um comando para que o programa ignorasse tal erro, digitando manualmente o tempo de saída, o que resultaria em uma legenda com o tempo de leitura comprometido. Aquela legenda fora do padrão constaria do relatório final fornecido pelo programa como uma legenda com “erro de mínimo”, ou seja, estaria extrapolando o limite de caracteres máximo permitido por segundo. Esse recurso do Systimes 4.0 era muito útil, pois forçava os tradutores a já pensarem na forma mais sintética de traduzir o original para driblar o “apito” do programa e evitar o esforço adicional de ter de digitar o tempo desejado para a saída da legenda.

²⁸GONÇALVES, J.L.V.R. (1998) *Processos inferenciais relacionados à priorização de informações na tradução de legendas de filmes: o redundante e o relevante sob a ótica do princípio de relevância*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais.

²⁹ presentation rates of more than 12 characters per second (cps) are not acceptable.

A versão 4.0 do Systimes é considerada obsoleta, pois, entre outras limitações, não possui precisão de *frames*. Isso significa que só é possível marcar o tempo de uma legenda em segundos “cheios”, sem indicar as frações (os *frames*), o que muitas vezes leva à dessincronização da legenda em relação à fala a que se refere. A explicação ficará mais clara através do exemplo abaixo:

Tempo de entrada/saída	Fala	Duração
10:16:53:16/10:16:54:14	Not at all.	00:28

Para que a legenda ficasse perfeitamente sincronizada com a fala acima, ela deveria surgir na tela no tempo de entrada indicado no roteiro (10 horas, 16 minutos, 53 segundos e 16 *frames*) e desaparecer no tempo de saída indicado (10 horas, 16 minutos, 54 segundos e 14 *frames*), permanecendo na tela durante 28 *frames* (dois *frames* a menos do que um segundo completo, uma extrapolação aceitável do limite mínimo de permanência na tela de uma legenda composta por uma palavra apenas). Como o Systimes 4.0 reconhece somente minutos e segundos, o legendador teria de escolher entre duas opções para marcar — ou *timear* — sua legenda traduzida:

Opção	Tempo de entrada/saída	Legenda	Duração
1	16:53/16:54	Não.	1 segundo
2	16:54/16:55	Não.	1 segundo

Escolhendo a primeira opção, a legenda surgiria na tela meio segundo antes do início do enunciado oral correspondente (“Not at all”) e desapareceria meio segundo antes do final do enunciado. Se o legendador ficasse com a segunda opção, a legenda entraria meio segundo depois do início do enunciado oral e sairia meio segundo depois do fim do mesmo. Nos dois casos, a legenda ficaria dessincronizada em relação à fala correspondente, o que, além de causar incômodo ao telespectador, poderia produzir um “efeito cascata”, levando à dessincronização de várias legendas subseqüentes.

Devido principalmente a essa limitação, a versão 4.0 do Systimes foi aos poucos sendo substituída por versões mais avançadas ou por outros programas, e deixou definitivamente de ser utilizada por volta do ano 2000, quando a precisão

de *frames* passou a ser uma exigência do mercado. No entanto, ao contrário do Systimes 4.0, os novos programas não impedem, por exemplo, que uma legenda *cheia* de duas linhas (com cerca de 60 toques) permaneça apenas dois segundos na tela, o que seria um tempo insuficiente para que fosse lida, até mesmo pelo mais ágil dos leitores. Conseqüentemente, os aprendizes que começam a legendar utilizando um desses *softwares* têm dificuldade de entender e respeitar o limite máximo de caracteres por segundo. Portanto, é necessário que em um curso de formação de legendadores o professor insista na importância de se respeitarem as coerções espaço-temporais e dê ênfase especial ao desenvolvimento da competência técnica para que, uma vez no mercado de trabalho, o tradutor não produza legendas fora dos parâmetros, desrespeitando assim as normas vigentes. Segundo Carvalho (2005),

[v]iolar alguma das regras [...] — não cumprir o prazo combinado, empregar palavras censuradas ou exceder o espaço ou o tempo permitido para as legendas, por exemplo —, principalmente quando elas são fornecidas por escrito, pode trazer conseqüências graves ao tradutor, visto que afetam as atividades subseqüentes do processo e, desse modo, prejudicam os compromissos assumidos pela produtora ou laboratório local com seu cliente. (p. 87)

Gambier (2003) também aponta como habilidade necessária ao legendador a agilidade para se adaptar a novas tecnologias. De fato, os equipamentos de que o tradutor para legendas deve dispor mudaram muito na última década. Em 1998, os tradutores da Globosat e da HBO Brasil operavam um computador com monitor, além de um televisor e um aparelho de videocassete. Os tradutores da HBO usavam um controle remoto para operar o videocassete, enquanto que os tradutores da Globosat contavam com a facilidade de um pedal adaptado ao aparelho. Esse pedal permitia que os comandos *play*, *fast-forward* e *rewind* fossem dados com o pé, deixando as mãos livres para digitar³⁰. Em pouco menos de dez anos, muita coisa mudou. O processo de gravação de uma fita VHS a partir da fita Betacam foi substituído pela digitalização dos arquivos de vídeo, o que acabou por aposentar o videocassete e o televisor. Com os arquivos digitalizados, o único equipamento necessário para a elaboração de legendas passou a ser o computador, com os programas próprios para legendagem instalados. Quando a precisão de *frames* passou a ser exigida pelos clientes e o Systimes 4.0 foi

³⁰ Dados fornecidos por Souza (1999).

substituído por versões mais avançadas ou por novos programas, no Rio de Janeiro, o departamento de legendagem da Globosat já havia sido extinto, e a maioria dos legendadores estava trabalhando em casa, por prestação de serviço, ainda utilizando o Systimes 4.0. Como os novos *softwares* não eram fornecidos gratuitamente pelas empresas contratantes dos serviços dos legendadores, vários deles preferiam finalizar o trabalho (*timear* e revisar seus programas) nas dependências das produtoras, para não ter de arcar com o alto custo dos novos *softwares*. O primeiro momento dessa transição foi bastante traumático, pois alguns tradutores demonstraram resistência às novas tecnologias, principalmente porque o treinamento oferecido pelos desenvolvedores se limitava a uma apresentação superficial dos novos programas. Para contornar esse problema e não perder tradutores com vasta experiência em legendagem, as produtoras cariocas começaram a contratar marcadores, também chamados de “timeadores”, profissionais que apenas marcam a entrada e a saída das legendas elaboradas pelos tradutores.

Esse sistema de marcação das legendas por outro profissional é o mais comum no mercado de São Paulo. No entanto, ele só funciona bem se as legendas são produzidas por legendadores experientes, com uma noção de ritmo apurada e um ótimo poder de síntese, pois os marcadores geralmente não têm autorização para modificar o conteúdo das legendas.

O alto custo dos *softwares* mais modernos criou um outro problema. Segundo um dos informantes desta pesquisa, o Professor B,

devido às leis de proteção de direitos autorais, os alunos têm poucos programas disponíveis para apreciação. Embora eu já tenha tentado obter licenças específicas para fins didáticos, os autores dos *softwares* mais utilizados não disponibilizaram as licenças.

A consequência disso, em um primeiro momento, foi que os professores de legendagem, tão importantes naquela fase de transição, só podiam contar com o Systimes 4.0, já obsoleto, ou simplesmente não apresentavam nenhum programa de legendagem aos alunos, o que gerava insatisfação, como veremos mais adiante, uma vez que os cursos não preparavam os aprendizes para a realidade do mercado.

Esse problema só foi solucionado com o advento do Subtitle Workshop, *software* desenvolvido pela empresa uruguaia Urusoft, o qual pode ser baixado

gratuitamente da Internet. Mais uma vez, produtoras, legendadores e professores tiveram de se adaptar a uma nova tecnologia, prova de que essa é uma característica intrínseca do mercado de legendagem. As facilidades que o Subtitle Workshop oferece o transformaram em um dos *softwares* mais utilizados em cursos de legendagem. Como o programa é gratuito, os aprendizes podem baixá-lo em casa para praticar. Assim, o professor pode dividir a parte prática do curso entre atividades em sala e exercícios para casa, o que dá mais dinamismo às aulas e produz resultados mais rápidos. Além do *software* uruguaio, alguns professores também utilizam o Horse, programa que tem a vantagem de ter sido desenvolvido pela brasileira Juliana Freire, que lança versões atualizadas com base nas necessidades apontadas por seus clientes. No entanto, o Horse acabou perdendo espaço no mercado para o Subtitle Workshop pelo fato de sua desenvolvedora não disponibilizar uma versão para uso didático.

O breve histórico que acabei de apresentar deixa claro que, num mercado em que novos programas e mídias se apresentam constantemente, a capacidade de adaptação a novas tecnologias por parte dos profissionais é indispensável.

4.1.3

Competência rítmica

Segundo Mary Carroll (2004), o legendador geralmente traduz e elabora legendas levando em conta três ritmos: (i) o ritmo visual do filme, definido pelos cortes; (ii) o ritmo das falas dos atores; e (iii) o ritmo de leitura do público. Aprendendo a identificá-los, o aprendiz ganha em agilidade, pois, na hora de sincronizar as legendas elaboradas, não precisará fazer tantas adaptações para que elas caibam no tempo disponível. Além disso, o bom legendador deve ter noções de edição de áudio e vídeo, saber identificar os canais envolvidos na comunicação e os diferentes formatos e gêneros de programas (aventura, romance, musical, comédia, documentário, infantil, jornalístico, *talk show* e *reality show*, entre outros).

A razão entre o tempo de duração de cada legenda e o número máximo de caracteres que ela deve conter varia em função do público-alvo. Como já vimos, no mercado brasileiro de legendagem para TV predomina a norma de que um telespectador adulto médio lê no máximo quinze caracteres por segundo. Pouco se

fala sobre o ritmo de leitura de crianças e o de consumidores de programas legendados em inglês americano, por exemplo, não acostumados à leitura de legendas. Os estudos que tratam da velocidade de leitura de legendas costumam recomendar que se adapte ao público-alvo o número máximo de caracteres permitidos por segundo, sem no entanto sugerir um valor. É necessário que o professor do curso de formação de legendadores conscientize os aprendizes sobre as diferentes estratégias de que lançarão mão na tradução de programas para públicos-alvos distintos, uma vez que os clientes, principalmente os eventuais, como pequenas produtoras que encomendam versões legendadas de seus produtos para línguas estrangeiras, nem sempre estão familiarizados com as normas de legendagem, deixando a responsabilidade pela qualidade do produto final totalmente a cargo do legendador. No Capítulo 5, proponho alguns exercícios para o desenvolvimento da competência rítmica.

4.1.4

Competência cultural

Entre as quatro competências básicas necessárias ao tradutor para legendas, a cultural é sem dúvida a mais difícil de ser desenvolvida. Em seu artigo *Teaching subtitling at university*³¹ (2001), Díaz Cintas sugere que “o cenário ideal é que os estudantes possam escolher [o] módulo [de legendagem] quando voltam do exterior, depois de passarem um ano mergulhados na língua e na cultura do país estrangeiro”³² (p. 8). Já Barbara Schwarz (2002) alerta que os produtos audiovisuais são repletos de mensagens implícitas, tanto nos diálogos quanto nas imagens presentes na tela. O legendador deve ser capaz de reconhecer essas mensagens para decidir o que deve ou não ser explicitado para seu público-alvo. Entre as mensagens visuais que podem aparecer na tela, a autora destaca marcos geográficos ou arquitetônicos, como a Torre Eiffel; ícones da cultura de massa, como da música pop ou da televisão (Jimi Hendrix, Bart Simpson); eventos políticos ou históricos (o assassinato de John F. Kennedy) e símbolos de importância política ou religiosa, como a suástica e a cruz católica. O legendador

³¹ Também publicado em: *Training Translators and Interpreters in the New Millennium*. Cunico, S. (ed.), Portsmouth: University of Portsmouth.

³² [T]he ideal scenario is that students should be able to choose this module when they come back from their year abroad, having been immersed in the language and culture of the foreign country.

deve ser capaz de identificar essas mensagens e interpretá-las. Citando Katan³³, Schwarz ressalta que, nesse sentido, o legendador é um “mediador cultural”, pois, além de conhecer a geografia, a história social e política recente da cultura-fonte e de ter certa familiaridade com personalidades e produtos da cultura popular, ele deve ter consciência de sua própria identidade cultural e da forma como ela pode influenciar sua interpretação e tradução.

No contexto brasileiro, não são todos os aprendizes de tradução que têm condições de passar algum tempo estudando no exterior, nem isso é um pré-requisito dos bacharelados em Tradução, como parece ser na Roehampton University of Surrey, na qual Jorge Díaz Cintas leciona. De qualquer forma, apesar de ser uma experiência muito enriquecedora, parece ser consenso entre os formadores que ter contato direto com a cultura da qual se traduz não é imprescindível para que um aprendiz se torne um legendador de sucesso. Creio que a competência cultural pode ser estimulada através de exercícios de análise das referências presentes nos diferentes canais que compõem a mensagem audiovisual.

4.2

A realidade do mercado

No presente trabalho, eu trato da realidade da tradução para legendagem no Rio de Janeiro, mercado no qual estou inserida. No âmbito nacional, os tradutores que trabalham com legendagem se concentram no Rio e em São Paulo, mas o perfil dos dois mercados é bastante diferente. No Rio, predominam as empresas que oferecem o serviço de tradução para legendagem em grande escala. Essas empresas contam com equipes próprias de tradutores e revisores, geralmente *freelancers*, e a finalização do serviço, ou seja, a gravação de uma fita Betacam legendada, é feita na própria produtora. Em São Paulo existem poucas empresas que oferecem esse serviço. No entanto, vários canais da TV fechada, como TNT, MGM, Sony, AXN, WBTV e a rede HBO, trabalham com tradutores autônomos residentes principalmente em São Paulo e em Miami, e contam apenas com uma equipe interna que faz o controle de qualidade das traduções. Ao

³³ KATAN, D. (1999) *Translating cultures - an introduction for translators, interpreters and mediators*. Manchester: St. Jerome Publishing.

contrário da Globosat, que ainda utiliza o processo de gravação das legendas em fitas Betacam para a exibição de seus programas, as legendas dos canais acima mencionados são transmitidas via satélite, o que dispensa a etapa de gravação das mesmas em ilhas de edições especiais, equipadas com os *hardwares* e *softwares* específicos para a legendagem.

Embora seja difícil reunir dados precisos sobre que parcela do mercado cada cidade detém, e apesar de o Rio de Janeiro concentrar as empresas de legendagem, segundo um dos entrevistados, o Diretor A,

mais ou menos metade das legendas produzidas no Brasil é feita em São Paulo e a outra metade é feita no Rio. Muitos canais trabalham com tradutores brasileiros e legendam seus programas em Miami, Los Angeles ou na Venezuela também. Mas, no Brasil, Rio e São Paulo dividem o mercado mais ou menos igualmente.

Sendo assim, acredito que o mercado carioca, que concentra cerca de 50% de toda a tradução para legendagem feita no Brasil, seja bastante representativo da realidade brasileira.

Passo agora à análise dos dados obtidos por meio das entrevistas.

4.2.1

Análise dos dados

Como já foi dito na Introdução, os cursos de treinamento de legendadores hoje existentes não têm como objetivo formar profissionais de legendagem, e sim familiarizar os alunos com os aspectos técnicos, as regras e os padrões adotados no mercado. Segundo o Professor A,

nenhum aluno que saia [do curso] tendo legendado umas duzentas legendas está pronto para o mercado, porque eles demoram vinte horas pra traduzir duzentas legendas, [o que] é completamente inviável profissionalmente. Não existe esse tipo de prazo no mercado. Então eu sempre digo que eles precisam treinar mais. [...] Eu aviso que o meu objetivo é passar nos testes [das produtoras]. Depois, há um treinamento complementar com o *software*, as preferências e as normas das produtoras.

O Professor B complementa:

Aqueles alunos que se destacam, se tiverem um monitoramento, podem, sim, atuar no mercado. Até hoje, por causa da dinâmica do mercado, dos prazos curtíssimos e das exigências das produtoras, ainda não vi um aluno sequer sair de

um curso de vinte ou trinta horas e começar a trabalhar imediatamente [...]. O monitoramento é essencial para que esse aluno se torne um profissional atuante no mercado.

Todos os outros professores consultados mencionaram o treinamento complementar na produtora como essencial para a formação de legendadores. O motivo mais freqüentemente apontado por eles para a necessidade de monitoramento foi a carga horária reduzida dos cursos que ministram, o que os leva a ter de priorizar a parte técnica e as coerções da atividade, em detrimento de uma atenção maior ao aspecto lingüístico da legendagem (cf. Seção 4.1.1).

Durante a análise das respostas dos alunos³⁴, notei alguns dados curiosos. Diante da pergunta 8 — “Você se sentiu preparado(a) para atuar no mercado de tradução para legendagem após o término do curso?” —, doze informantes (52%) responderam que não se sentiram preparados após o término do curso, cinco (21,7%) mencionaram que se sentiram inseguros mas mesmo assim procuraram as produtoras, e quatro (17,4%) se declararam preparados para atuar no mercado. Vale lembrar aqui que esses números *não* são uma indicação de que os cursos de legendagem existentes sejam falhos. Como os próprios professores declararam, o objetivo deles é familiarizar os aprendizes com os conceitos básicos da tradução para legendagem e prepará-los para os testes nas produtoras, e não propriamente formar profissionais.

A tabulação das entrevistas revelou um outro dado interessante: na resposta à pergunta 8, 18 alunos (78%) justificaram o fato de não terem se sentido prontos para o mercado dizendo que os cursos dão apenas uma introdução, uma base, e que a melhoria da qualidade do trabalho só acontece na prática da atividade. Esse é um lugar-comum que se aplica a qualquer profissão, o que de forma alguma significa que não tenha plena validade. Nenhum universitário deixa a faculdade pronto para atuar no mercado de trabalho sem passar por um estágio ou treinamento. No entanto, no caso específico do mercado de legendagem, o problema da falta de preparo profissional é antigo e crônico, e o depoimento do Diretor A fornece algumas pistas para entendermos o motivo:

³⁴Assim como ocorre no caso dos professores, embora haja alunos e alunas entre os entrevistados, figuram todos aqui no masculino em razão do sigilo.

As pessoas não levam a legendagem a sério, é um mercado ainda muito amador. Como o nível da tradução para legendas no Brasil é baixo — já melhorou muito, principalmente na parte técnica, mas ainda é baixo —, qualquer pessoa que saiba um pouquinho mais de inglês pega erros de tradução [nas legendas]. Então, essa pessoa, que fez dois anos de curso de inglês, acha que pode fazer melhor e se inscreve num curso de legendagem. A gente sabe que esses cursos tratam da parte técnica, ensinam a mexer nos *softwares* e ensinam a *timear*. A qualidade da tradução como um todo não é avaliada. Então, essas pessoas chegam ao mercado dizendo que sabem legendar, e até sabem, mas não sabem traduzir. Muitas vezes não sabem nem português. Aliás, o nível geral de português é baixíssimo, baixíssimo mesmo. É um problema até maior do que encontrar quem saiba traduzir [...]. Também é muito comum recebermos currículos de pessoas que querem trabalhar nas horas vagas para complementar o orçamento, porque têm as tardes livres ou algo assim. São geralmente professores de inglês também sem nenhuma experiência em tradução. É raro uma pessoa com esse perfil conseguir trabalhar com legendagem, porque os nossos prazos são sempre curtos, e precisamos de pessoas dedicadas e ágeis, que consigam trabalhar sob pressão, com prazos apertados. Temos aqui vários casos de tradutores bons que desistiram da legendagem porque não conseguiram se acostumar com os prazos.

De fato, na época do advento da TV por assinatura, em que a demanda por legendadores aumentou muito, os cargos eram preenchidos por indicação, como vimos na Introdução deste trabalho, e um curso superior de Letras, Tradução, Comunicação ou áreas afins não era exigido dos candidatos. Hoje em dia, a formação acadêmica, apesar de preferencial, continua não sendo uma exigência das produtoras que contratam os serviços de legendadores. Sendo assim, pessoas das mais diversas formações, de arquitetos a psicólogos, se aventuram no mundo da legendagem sem ter nenhuma base teórica ou experiência em tradução e, muitas vezes, com um conhecimento bastante deficitário do português. Nos cursos de treinamento disponíveis, ter experiência tradutória comprovada não é uma exigência, nem mesmo nos módulos de legendagem incluídos em programas de pós-graduação *lato sensu*, pois pressupõe-se que os candidatos dominem as duas línguas envolvidas na tradução e saibam identificar as diferenças entre os registros oral e escrito, o que nem sempre acontece. O Professor A mencionou em sua entrevista uma dificuldade que enfrenta devido à falta de experiência tradutória de alguns de seus alunos.

A minha principal dificuldade é que eu acho que a pessoa tem que ter uma boa dose de autonomia em tradução para depois fazer legendagem, e muitas vezes não é o caso. Tem aluno que tem dúvidas básicas de tradução [...], mas isso acaba tendo que ser contornado. [...] Quem não tem experiência não consegue, ao longo das vinte ou quarenta horas, desenvolver muito a legendagem por problemas de tradução. Tem gente que, no final, faz cinco minutos, legenda e sincroniza, mas a

tradução está completamente inaceitável, ou seja, não poderia entrar no mercado, não por questões técnicas, mas porque não está apto a traduzir.

A heterogeneidade do perfil dos candidatos que procuram os cursos ou as produtoras leva ao amadorismo mencionado pelo Diretor A. Como geralmente nenhum pré-requisito é exigido, é o próprio candidato quem avalia se o seu conhecimento das duas línguas envolvidas é suficiente para que almeje se tornar legendador. Por esse motivo, é muito comum que alguns deles recebam com grande surpresa a notícia de que foram reprovados nos testes, seja porque apresentam traduções inaceitáveis ou porque têm um nível de português insatisfatório.

Na Gemini Vídeo, os candidatos a legendadores submetem-se a uma seleção dividida em duas fases: a primeira, escrita, envolve tradução e português; na segunda, prática, o candidato deve traduzir um trecho de quatro minutos de um programa, respeitando as coerções espaço-temporais da legendagem. Para a tradução dos primeiros dois minutos, o candidato tem o auxílio do roteiro original. O restante do teste deve ser tirado de ouvido. Mesmo após serem aprovados nessas duas fases, noto nos cursos que ministro na empresa que os aprendizes muitas vezes demonstram falta de intimidade tanto com as regras do português quanto com as ferramentas de pesquisa em geral, como dicionários, gramáticas, manuais e a Internet.

O Diretor A mencionou em seu depoimento que um dos maiores problemas que as produtoras enfrentam na hora de recrutar novos legendadores é a deficiência em português demonstrada pelos candidatos. O Professor A também comentou a dificuldade que alguns aprendizes apresentam no que se refere a diferenciar o registro oral do escrito.

Se eu tivesse muitas horas de curso, muito antes de entrar com legendagem, de falar em legendas, um bom exercício é transpor um texto oral em forma escrita. Então, transcrição é uma coisa que parece simples mas não é. Perceber que é você quem decide como redigir, como pontuar, como interpretar aquilo na forma escrita. Tem uma linguagem que é escrita e uma linguagem que é oral. Isso é um problema sério da legendagem, do qual as pessoas não se dão conta.

Eu acredito que esses dois problemas — a falta de experiência tradutória e o pouco domínio do português demonstrado pela maioria dos aprendizes — sejam os principais motivos da falta de preparo dos legendadores no nível lingüístico.

Como veremos no Capítulo 5, uma maneira de contornar esses problemas seria inserir o curso de *formação* de legendadores na grade curricular de um bacharelado em Tradução. Dessa forma, as competências acima mencionadas poderiam ser desenvolvidas em outras disciplinas do curso.

Em relação à pergunta 9 — “Você conseguiu se inserir no mercado após a realização do curso?” —, dos 23 respondentes, apenas dez (aproximadamente 43%) conseguiram inserção imediata no mercado de legendagem; cinco destes através de estágios em produtoras, com duração que variou entre seis meses e um ano. Entre os outros cinco, um desistiu por ser um tradutor lento e, portanto, não se adequar a uma das exigências do mercado; o segundo trabalha com revisão de legendas; o terceiro é professor de inglês e aceita trabalhos de legendagem nas horas vagas para complementar o orçamento; e os dois últimos enfrentaram meses de trabalhos monitorados. Dos treze restantes, seis não conseguiram se inserir no mercado, dois ainda não terminaram o curso, outros dois estão em fase de testes nas produtoras e três precisaram fazer um curso de reciclagem de 30 horas oferecido pela produtora aos legendadores cujos trabalhos estavam abaixo do padrão exigido pelos clientes.

Esses números espelham a realidade do mercado. Vinte e dois por cento dos alunos e ex-alunos consultados entraram no mercado através de estágios em produtoras, um sinal de que a parceria entre as universidades e o mercado de trabalho pode render bons frutos. Porém, a grande maioria dos ex-alunos de cursos que conseguem se estabelecer no mercado só o faz após meses de testes e trabalhos monitorados, o que onera as produtoras, obrigadas a destacar profissionais já sobrecarregados para o treinamento dos novos legendadores, treinamento esse que pode durar até um ano e nem sempre consegue aproveitar um bom número deles.

Tendo identificado as maiores carências apresentadas pelos candidatos a legendadores e as dificuldades enfrentadas pelos professores entrevistados, no próximo capítulo proponho as bases para um curso de tradução para legendagem que tem como objetivo principal desenvolver as competências e habilidades necessárias para a *formação* de profissionais dessa modalidade de tradução, procurando oferecer uma alternativa ao caráter de *treinamento* associado aos cursos hoje disponíveis.